

Ensinar e Aprender na Comunidade: Notas de uma Pesquisa

Danilo R. Streck

Para uma Igreja jovem como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de 1974 o fato de reunir princípios pedagógicos e teológicos para a prática educativa é um marco que não pode ser subestimado. No momento em que essa Igreja discute a sua identidade, ela percebe que, no fundo, se trata de aprender um jeito de ser Igreja. Esta preocupação perpassa o documento “Catecumenato Permanente — Discipulado Permanente”.

Uma característica dessa aprendizagem é auscultar a realidade na qual o evangelho deve se encarnar. Talvez uma das contribuições mais importantes da gestação desse posicionamento pedagógico-teológico, há 20 anos, seja o fato de desafiar a olhar para uma realidade ao mesmo tempo complexa e em mudança. Na época, a realidade dessa Igreja recém constituída parecia exercer um fascínio especial, motivando pessoas e grupos a se voltarem para ela com sua curiosidade e suas perguntas. Basta lembrar os vários estudos que antecederam a elaboração do documento ou foram realizados logo depois: sobre confirmação e ensino confirmatório, sobre a relação dos membros com a comunidade e com a sociedade, sobre religião e desenvolvimento... (veja Germano Burger, ed., *Quem assume esta tarefa?*) Na década posterior ao documento é bem possível que as perguntas tenham dado lugar a certezas de um e do outro lado das teologias e das práticas. O momento, hoje, 20 anos depois, é novamente de fazer perguntas, uma vez que grande parte dessas mesmas certezas foram abaladas.

A presente contribuição situa-se neste marco. Trata-se de trazer alguns dados da pesquisa sobre o ministério educacional nas igrejas luteranas. O estudo, promovido e coordenado pela Federação Luterana Mundial (FLM), foi realizado em nível global e o relatório final deverá estar concluído nos primeiros meses de 1995. No Brasil, o estudo foi realizado em algumas comunidades que podem ser consideradas representativas para este mosaico teológico e pastoral que é a IECLB.

Ao destacar alguns dados e hipóteses da realidade da educação nas comunidades da IECLB, procuro, na medida do possível, estabelecer pontes com o Catecumenato Permanente. Afinal, queremos entender-nos num processo em que afirmações e descobertas do passado são retomadas para orientar o futuro. Distingo três momentos nesta reflexão: a) destaco especificamente algumas conclusões do estudo no Brasil; b) indico as grandes categorias que emergiram em função dos

dados de todas as igrejas ligadas à FLM; c) apresento as principais recomendações contidas no relatório das igrejas do Cone Sul.

Aspectos da Realidade da IECLB

1. *Aposta no sacerdócio real*: O Catecumenato Permanente foi uma aposta no sacerdócio real de todos os crentes. Não tenho elementos para comparar as comunidades de 20 anos atrás com as de hoje. No entanto, é necessário reconhecer a grande diversidade de iniciativas na área educacional nas quais os membros da comunidade têm um papel importante, seja no culto infantil, no ensino confirmatório ou em outros grupos. Registrei no relatório da pesquisa que “o Espírito Santo talvez sobre mais forte nas comunidades do que se queira ou consiga perceber de um ponto de vista institucional”.

Esse potencial, contudo, não é devidamente aproveitado. As pessoas muitas vezes se sentem jogadas para dentro de atividades sem o devido preparo. Apesar da importância dos seminários promovidos pelas regiões, pelo Movimento Encontro, pela Pastoral Popular Luterana, pelo Departamento de Catequese, talvez seja importante, como Igreja, pensar em reestruturar a formação de modo a dar-lhe mais organicidade.

Embora ainda persista a centralização no pastor, o fato de se falar de um ministério compartilhado deve ser lembrado como fruto de um processo ocorrido na Igreja. Mas há aqui um risco para o qual se deve dar atenção. Os/as catequistas correm o mesmo risco do pastor/a no momento em que o seu ministério é profissionalizado. Também eles/as deverão elaborar estratégias para evitar que as tarefas educativas sejam centradas em sua pessoa. Se isso viesse a acontecer, aquilo que é festejado como um avanço pode de fato tornar-se um obstáculo para o desenvolvimento da educação nas comunidades. Não por último, isso é uma pergunta para o Instituto de Educação Cristã, que se preocupa especificamente com a formação de catequistas.

2. *Comunidade que ensina e aprende*: O Catecumenato Permanente vê o papel da comunidade como agente educativo e como comunhão de aprendizes do mesmo mestre. Na atual pesquisa, ao focalizar algumas comunidades e contextos foi possível perceber como cada comunidade cria a sua dinâmica própria. Sem conhecer essa dinâmica, o trabalho corre o risco de fracassar. (Um exemplo disso foi a boa intenção do pastor de criar estudos bíblicos para homens, sem se dar conta de que naquele lugar quem carregava a Bíblia era “crente”. O grupo não funcionou.) Deveríamos fazer um esforço bem maior no sentido de compreender como as comunidades de fato funcionam. Nota-se também que para o/a pastor/a esse acesso à comunidade às vezes é difícil pelo papel que ele/a representa nela. (Um pastor, por exemplo, enganou-se ao prevenir-nos de que teríamos dificulda-

des para obter informações.) A grosso modo, talvez se pudesse construir uma tipologia com três divisões a partir do enfoque na educação cristã:

a) Uma educação cristã transformadora, que tem como objetivos básicos conhecer a realidade e transformá-la. As respectivas comunidades têm, em graus diferenciados, clareza a respeito da dimensão política de sua tarefa. A Bíblia é lida junto com a realidade.

b) Uma educação cristã evangelizadora, que acentua o testemunho na comunidade e na sociedade. O conhecimento da Palavra é um meio de dinamizar a ação evangelizadora em grupos dentro da comunidade e em uma série de atividades de cunho social. Não há uma dimensão política explícita.

c) Uma educação cristã mantenedora de comunidade, quer enfatiza o bom funcionamento da comunidade, a transmissão de determinados valores e a dimensão terapêutica. Uma vez que as atividades da comunidade estão bastante centradas em sua preservação, o ensino tende a enfatizar a transmissão de conhecimentos.

Esses tipos de educação cristã não precisam se excluir mutuamente. Cada um deles enfatiza aspectos diferentes da vida de fé da pessoa e da comunidade, sendo desejável que haja limites permeáveis entre essas diferentes experiências.

3. *Ainda o ensino confirmatório*: O ensino confirmatório foi um dos pontos críticos na reflexão realizada nos anos 70 e que deu origem ao Catecumenato Permanente. Havia uma percepção, corroborada nas entrevistas, de que o ensino confirmatório é incapaz, por si, de garantir a vinculação das pessoas com a Igreja. Com isso não se deveria desprezar ou menosprezar essa atividade, mas percebê-la, como proposto no Catecumenato Permanente, no contexto de um processo educativo contínuo.

De maneira geral ainda predomina o padrão tradicional nos programas educacionais da comunidade: escola dominical ou culto infantil, ensino confirmatório, grupo de jovens, estudos bíblicos, trabalho com mulheres... No entanto, também se notam algumas mudanças: a) Parece haver uma maior atenção aos adultos. Falar de educação cristã não significa mais falar só do trabalho com crianças. Mesmo assim, há lacunas sérias, por exemplo, no trabalho com os homens. b) Tem-se consciência de que algumas das velhas fórmulas não funcionam mais e surgem então idéias muito criativas: encontros de criatividade que complementam o culto infantil, vários tipos de grupos, cultos *heavy metal* na escola, etc.

4. *Avaliar e planejar*: Uma das questões da pesquisa dizia respeito à avaliação. Através das respostas foi possível perceber a dificuldade de planejamento em nível teórico e prático. No nível teórico (teológico-pedagógico) é o problema de quem estabelece os conteúdos e avalia os trabalhos, ou seja, da autoridade. (As respostas são bastante variadas: Deus, a comunidade ou o povo, setores ou departamentos..., o presbitério, o pastor com sua esposa...). No nível prático é o problema da organização e estruturação da educação na Igreja e na comunidade. Concretamente, é o caso de setores afins ligados a secretarias diferentes e que por isso

não têm entre si uma comunicação contínua. Parece que o problema se reproduz na comunidade.

5. *Educação e missão*: A reflexão sobre o Catecumenato Permanente estava associada com a discussão em torno do papel missionário da Igreja. Aliás, o próprio tema do IX Concílio, em 1974, foi “IECLB - Igreja missionária no Brasil”. As observações neste estudo talvez ajudem a compreender melhor essa relação entre missão e educação cristã. Cito do relatório:

Se tivesse que resumir as observações acima (sc. sobre os programas educacionais na comunidade) diria que a vitalidade de cada um dos trabalhos na comunidade tem a ver com o funcionamento da comunidade como um todo. Parece que a comunidade dinâmica percebe que a educação cristã não é uma finalidade em si mesma, mas uma instrumentalização para a atuação missionária mais eficaz e coerente. Isso acontece, como vimos, quando as atividades educacionais acompanham os trabalhos missionários de assistência social ou de projetos voltados para determinados problemas da sociedade local.

O ensino, neste caso, faz parte de uma estratégia mais ampla de atuação da comunidade. Esse reconhecimento tem implicações significativas em termos da definição dos objetivos dos programas educacionais, da identificação dos grupos com quem se prioriza o trabalho e do reconhecimento da diversidade de educadores/as na comunidade.

Conclusões Gerais do Estudo

O estudo da FLM apontou, em nível global, cinco áreas críticas. Embora tenham nuances diferentes em cada contexto, elas deveriam corresponder também à nossa realidade, uma vez que tivemos uma participação ativa no trabalho. São elas:

1. *A identidade luterana*. Não se trata, como nos anos 70 no Brasil, de criar uma cara para a Igreja recém constituída. O desafio é como ser Igreja cristã — de confissão luterana — num contexto multicultural e multirreligioso. Na IECLB o problema foi mais fortemente sentido entre jovens de área urbana, para quem os antigos limites confessionais (ou mesmo religiosos) não dizem muito. O problema com certeza não será resolvido apenas com mais lições sobre Lutero e sobre documentos confessionais.

2. *Compreensão de aprendizagem*. Sente-se a necessidade de buscar uma nova compreensão dos objetivos da educação cristã, do processo, da visão que se tem dos/as educadores/as e dos/as educandos/as, etc. Talvez essa necessidade seja simplesmente a constatação do distanciamento que costuma haver entre a teologia acadêmica e a prática educativa. A aproximação com certeza será muito benéfica para ambas. Para a educação cristã isso significa que a boa vontade da prática não é suficiente (embora seja necessária) para a realização de uma tarefa que se revela

muito complexa. Numa das entrevistas um membro de comunidade resumiu bem o que esperava da formação dos pastores e educadores com duas palavras: *coerência e consistência*.

3. *Família*. Através do método de entrevistas foi constatado o que a maioria conhece de sua própria experiência, ou seja, o papel fundamental da família para a educação na fé. Essa família, no entanto, não é mais a mesma de alguns decênios atrás e enfatizar o seu papel não pode significar simplesmente uma volta ao passado. Cito apenas alguns exemplos relativos à família e ao seu papel:

— as festas e rituais marcam as pessoas (como trabalhamos com os rituais e festividades?);

— na mesma área urbana, onde os pais têm outros programas aos domingos, as crianças são trazidas à igreja pelos avós (quem assume que papéis na educação cristã nas famílias, hoje? Que ajuda essas pessoas recebem?);

— a família é mais associada com experiências marcantes pelos adultos do que pelos jovens (seria um sinal de que a família está transferindo essa responsabilidade para o culto infantil ou ensino confirmatório, a exemplo do que acontece com a educação escolar?).

4. *Jovens*. Optou-se manter este item separado pela peculiaridade e pela força do problema sentido. Um dos problemas centrais era como estabelecer ou restabelecer contato com os jovens. Talvez o problema esteja mal formulado por colocar o jovem como alguém de fora da comunidade. No entanto, esta parece ser a realidade com que a maioria das igrejas está se confrontando.

5. *A comunidade como um contexto de ensino-aprendizagem*. Nesta afirmação não há novidade para quem conhece o documento “Catecumenato Permanente” com sua proposta pedagógica dialógica. Também as pessoas entrevistadas concordam com o fato de que aprender e ensinar são responsabilidade de todo o povo de Deus. Diz um entrevistado: “Eu aprendo de cada experiência e pessoa que tocam minha vida.” Outra senhora manifesta assim a sua consciência de ser educadora: “Eu acho que todos podem ensinar. É só dizer adiante o que a gente aprendeu. E olha que eu aprendi coisas.” A comunidade está cheia desses mestres anônimos que têm muita consciência do que podem ou poderiam ensinar.

Por outro lado, ao destacar este item também se está sinalizando que a comunidade não é mais automaticamente o único lugar onde se aprende sobre Deus e religião. A comunidade compete com outras fontes de ensino dentro de um mercado religioso amplo e diversificado, com ofertas muito atraentes.

Algumas Recomendações

Apesar da dificuldade de fazer generalizações com base em dados que revelam uma diversidade muito grande de experiências, o estudo permite indicar

algumas recomendações para as comunidades e para a IECLB. Em maior ou menor proporção as recomendações são válidas também para as demais igrejas luteranas do Cone Sul (IELCH e ILCH no Chile; IERP e IELU na Argentina) que foram abrangidas pelo mesmo relatório regional.

Para as comunidades:

1. A comunidade poderia fazer uma espécie de mapeamento das oportunidades de ensino que existem, anotando quem ensina e o que se faz em cada um dos contextos (escola dominical, grupo de jovens, etc.). Desta forma poderiam ser detectados os pontos fortes do trabalho, bem como as deficiências e lacunas. Por exemplo, pode ser que não haja oportunidades para que homens de meia idade confrontem seus problemas com a mensagem do evangelho ou então que em todos os programas apenas haja mulheres na função de educadoras. O presbitério poderia fazer isso com o auxílio de pessoas que atuam na área (pastores, catequistas, orientadoras de escola dominical/culto infantil) e com o apoio de outros/as educadores/as do local.

2. O estudo indica que é importante conceber a tarefa educativa como um instrumento da comunidade, seja em sua atuação na sociedade, seja em sua tarefa de edificação da própria comunidade. O desejo e a necessidade de aprender surgem e crescem na medida em que situações concretas exigem conhecimentos novos ou mais profundos. Uma das conseqüências deste fato é que precisam ser buscadas alternativas para o atual modelo de educação, no qual o processo tende a se encerrar com a “formatura” após o ensino confirmatório.

3. Há nas comunidades pessoas que investem seus dons e seu tempo no ensino. É muito importante que a comunidade encontre maneiras concretas de valorizar essas pessoas e o seu trabalho, por exemplo, através do reconhecimento público da sua dedicação, destinando uma pequena parcela do orçamento para o ensino, oferecendo e apoiando oportunidades de formação, auxiliando na aquisição de material, etc.

Para a IECLB:

1. Zelar para que seja estabelecida uma política de educação na Igreja, integrando as atividades isoladas e estabelecendo prioridades para a atuação. Essa política de educação deveria estar atenta à diversidade de experiências e propostas educacionais, promovendo o crescimento a partir das mesmas.

2. Conceber a formação de obreiros/as mais claramente como um instrumento de capacitação de membros das comunidades que exercem diversos ministérios. Isso exigirá habilidades que não estão sendo suficientemente contempladas nos atuais currículos de formação. A formação contínua de obreiros/as e de líderes nas comunidades deverá desempenhar um papel importante nesse processo de capacitação para exercício efetivo do sacerdócio.

3. Dar especial atenção às áreas de capacitação ou formação e de material, em que o apoio da instituição foi considerado essencial pelas pessoas entrevistadas. Na medida do possível será importante aproximar essas duas tarefas.

4. Apoiar a participação de educadores/as da IECLB em entidades ecumênicas voltadas para a formação (Centro de Estudos Bíblicos [CEBI], Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã [CELADEC], Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria [CECA] e outros). Fortalece-se com isso a dimensão ecumênica, além de evitar a duplicação de esforços.

Para a Federação Luterana Mundial:

1. Fomentar o intercâmbio entre igrejas na área da educação cristã, através da realização de congressos, formação de equipes para produção de material, consultas sobre atividades específicas, etc.

2. Apoiar a formação de educadores/as, especialmente de pessoas que em nível regional e nacional tenham condições de multiplicar os conhecimentos práticos e teóricos adquiridos.

3. Estimular e apoiar a formação de redes para divulgação de material e experiências no âmbito das igrejas luteranas, bem como no âmbito ecumênico.

Para outras pesquisas:

1. O estudo abriu muitas perspectivas para pesquisas mais específicas. Por exemplo, pode ser confirmada a hipótese da não-eficácia do ensino confirmatório para a participação ativa na comunidade? Ou então, quando o ensino confirmatório é eficaz ou não é? É possível estabelecer uma espécie de tipologia de educação cristã relacionada com determinados perfis de comunidade? Qual é a melhor maneira de relacionar ensino e culto na comunidade? Ou educação e missão?

2. Incentivar as comunidades a manterem um diálogo com a sua realidade, utilizando os recursos que têm à sua disposição. Nenhuma pesquisa será suficientemente abrangente para focalizar todas as comunidades e não se poderá esperar e talvez nem se deva desejar que em todas as situações haja especialistas fazendo a pesquisa.

Danilo R. Streck
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS